

ANAIS DO
IV SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

COLONIZAÇÃO E
MIGRAÇÃO

XXXI

Coleção de *Revista de História* sob
a direção do Prof. Eurípedes
Simões de Paula.



São Paulo
1969

COLONIZAÇÃO E LÍNGUA (*).

HEINRICH A. W. BUNSE.

Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

I.

Em primeiro lugar cabe-me agradecer a honra de, perante êste ilustre auditório, fazer uma modesta e naturalmente despretenciosa apresentação de um tema que me tem ocupado e ainda ocupa e que, como vi, não é estranho ao temário deste Simpósio. Sei perfeitamente das minhas limitações e, já de antemão, peço excusas pela insuficiência do meu trabalho.

Mas cedendo à insistência de ilustres e queridos colegas, estou aqui e espero dos presentes, mais familiarizados com a matéria e com maiores credenciais, que me corrijam no que não seja exato, contribuindo, assim, para o debate de um assunto que se reveste de suma importância.

Embora estando aqui num Simpósio de Professôres Universitários de História, sendo eu apenas filólogo e lingüista, não sou um estranho à História. Pois qualquer trabalho no campo da filologia deve ser localizado no tempo e torna-se matéria histórica. Por outro lado, ao ler o temário e encontrando assuntos como “A colonização da Dácia” e os “Bilder aus deutscher Vergangenheit”, veio-me à mente a utilidade da língua para esclarecer ou demonstrar processos histórico-culturais.

II.

A presente comunicação tem por fim chamar a atenção dos historiadores sôbre um campo que merece ser explorado com métodos modernos e cujo estudo promete ricos frutos. Refiro-me à chamada colonização alemã — o que segue deve ser aplicado também à colonização de outras origens étnicas — e suas conseqüências lingüísticas.

(*) — Comunicação apresentada na 8a. sessão de estudos, no dia 7 de setembro de 1967 (*Nota da Redação*).

III.

O Rio Grande do Sul possuía, já antes da chegada dos primeiros imigrantes alemães, uma tradição como marca de fronteira, uma sociedade constituída cuja célula era a estância, uma pecuária dinâmica e uma tradição lingüística portuguesa.

No dia 25 de julho de 1824, no “passo” de São Leopoldo, desembarcaram os primeiros 38 imigrantes alemães, recebendo lotes coloniais nas terras da antiga “Feitoria do Linho Cânhamo”, também chamada “Estância Velha”.

No momento de sua chegada a Pôrto Alegre, tinham sido recebidos pelo Presidente da Província e depois encaminhados ao lugar de destino que, daí em diante, seria a sua nova pátria e a pátria de seus filhos.

Foi êste o comêço da colonização alemã no Rio Grande do Sul. Desde então fala-se em “Colônia Alemã” e em “Colonos Alemães”. Colonização neste sentido significa apenas colonização de uma zona direta das autoridades brasileiras.

Verdade é que os imigrantes alemães e seus descendentes vivendo em núcleos isolados e dedicando-se a atividades diferentes daquelas da população restante, representavam, na realidade, quase colônias “estrangeiras”, isoladas do resto da população durante muito tempo pela língua, fidelidade à tradição de sua etnia e, em grande parte, pela religião.

Mas também é verdade que criaram, em determinadas zonas ainda hoje designadas de “Colônia Alemã” — uma nova paisagem que revela sua origem e seu modo de viver.

Esses colonos — aos quais mais tarde se juntaram imigrantes de outras origens étnicas — deslocaram, no decorrer dos tempos, o centro demográfico, econômico e político do Estado.

E assim podemos dizer que o Rio Grande do Sul deve aos descendentes daqueles imigrantes alemães boa parte de sua originalidade em relação aos outros estados brasileiros, não só pelo fato de sua existência, mas também por assumir direitos e deveres na sociedade, tornando-se parte integrante do Rio Grande do Sul.

IV.

Os imigrantes trouxeram, naturalmente, ao Rio Grande do Sul a sua língua, isto é, a língua alemã, mas não na sua forma padrão culta, e sim os dialetos principais, pois eram, na sua grande maioria, gente das classes sociais inferiores.

O que representa êste fato para os imigrantes? Uma moderna definição de língua diz: “Uma língua é um *instrumento de comunicação* segundo o qual, de *modo variável de comunidade para comu-*

nidade, se *analisa a experiência humana* em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão fônica — os monemas: esta expressão fônica articula-se, por sua vez, em unidades distintas e sucessivas — os fonemas —, de número fixo em cada língua e *cuja natureza e relação mútuas também diferem de língua para língua*.

Daí resulta: a língua dos imigrantes não servia de instrumento de comunicação com os luso-brasileiros. A experiência humana a ser analisada lingüísticamente era totalmente diferente daquela de sua pátria de origem. Era tudo novo e desconhecido: ambiente físico, clima, flora, fauna, instrumentos e métodos de trabalho, alimentação, etc. O léxico da língua alemã não dispunha de palavras para encher esta lacuna devido à diferença estrutural entre a antiga e nova pátria.

Diz o filósofo Heidegger: *Die Sprache ist das das Haus des Seins* (A língua é a casa da existência). Sendo assim, o imigrante, não podendo analisar lingüísticamente a nova experiência, não mais estava “em casa” quando se radicou no meio de um povo de língua diferente da sua e num país com características totalmente estranhas à sua experiência anterior.

E poderíamos acrescentar: “As fronteiras de minha língua são as fronteiras de meu mundo”. E este mundo, novo mundo na verdadeira acepção da palavra, devia ser conquistado não só pela força do braço mas também lingüísticamente para o imigrante poder sentir-se, de novo, “em casa”.

V

Como então o imigrante procurou vencer lingüísticamente a nova situação e quais foram as conseqüências?

A resposta mais simples seria: aprendendo português pelo convívio com a população luso-brasileira.

Porém, considerando o isolamento dos colonos, o número cada vez maior de imigrantes, a ausência total de escolas e professores — estamos nas primeiras décadas do século XIX — a escassez inicial de contatos com os brasileiros, representados, e nem sempre bem, por um ou outro funcionário do governo, por número reduzido de vizinhos, na sua maioria caboclos, e por encontros com tropeiros e fazendeiros — esta resposta é irrisória, pois ainda não se trata realmente de línguas em contato.

Contudo, a lacuna existente no léxico devia ser preenchido no decorrer dos tempos e assim o imigrante começou a recorrer, natural e necessariamente, a *empréstimos* do português, servindo-se de palavras portuguesas para todas aquelas coisas, situações, ativi-

des, etc., para as quais não existiam palavras na língua alemã ou com as quais não tivera experiência em sua pátria.

Tais empréstimos dizem respeito a:

Acidentes naturais: chapada, campanha, campo, coxilha, serra, costa da serra, fronteira, ladeira, faxinal, etc.

Fauna: anta, avestruz, beija-flor, bem-te-vi, capivara, carrapato, etc.

Flora: abacaxi, abóbora, açoita-cavalo, butiá, cabriuva, caroba, cipó, corticeira, espinilho, gerivá, goiaba, etc., etc.

Terminologia referente ao cavalo: alazão, baio, bragado, andador, arreios, badana, barrigueira, bocal, buçal, etc.

Idem ao gado: aspa, boi, boiada, brete, brocha, canga, canzil, apartar, barroso, ajuujo, bicheira, etc.

É o contato com a *campanha*, com *tropeiros* e *fazendeiros* que aparece nestes termos: assim também em: tropeiro, estância, estancieiro, fazenda, fazendeiro, invernar, invernada, laço, domador, jacá, etc.

Medidas e pesos: alqueire, braça, quadra, quarta, arrôba, etc.

Palavras de administração: agência, atestado, cartório, comarca, edital, freguesia, delegado, distrito, etc.

Contatos com o comércio: que se refetem em palavras como: algodão, alpargata, amostra, armazém, atacado, balaio, balcão, caixa, caixeiro, cambraia, casimira, chita, riscado, etc.

Trabalho agrícola: e aos *instrumentos agrícolas* por apresentarem novidades que o colono chegou a conhecer aqui e a denominar: alambique, bagaço, barbaquá, espiga, facão, feijão, farinha, erva, roça, roçar, picada, etc.

Os contatos e o convívio paulatinamente intensificado com a população de origem luso-brasileira fêz com que os imigrantes e seus descendentes aceitassem não apenas novas palavras em sua língua, mas assimilassem também usos, costumes, divertimentos e jogos, revelando relação de afetividade, integrando-se cada vez mais no novo ambiente. O reflexo pode ser observado em palavras como:

Abraçar, abraço, afilhado, ajeitar, amigo, até logo, até amanhã, banda, barbaridade, bobagem, bueno, cafêzinho, caprichar, fandango, ó de casa!, chimarrão, churrasco, carreira, gamela, vovô, vovó, etc.

Um outro processo consiste na formação de palavras híbridas, características até para o colono de origem alemã, pois revelam a sua peculiaridade, fazendo parte integrante de seu mundo, já que para grande parte destas palavras não existem correspondentes em alemão:

Puschochse (puxar), Nussdoss (doce), Teebrung Wasserbrung (porongo), Puffmilje (milho), Paljezigga (palha), Schakuhinkel (jacu), Schmalzlatte (lata), Backkamell (gamela), Rollfum (fumo), Schweinskorol (curral), Butteraiping (aipim), Teebumb (bomba), Farinmühl (farinha), Batateschmier (batata), etc.

Aqui também devemos mencionar o grande número de verbos portugueses transformados em verbos alemães mediante a desinência do infinito — ieren:

abrassieren (abraçar), akompanjieren (acompanhar), afroshieren (afrouxar), aguentieren (agüentar), arrumieren (arrumar), kaprischieren (caprichar), kombinieren (combinar), gastieren (gastar), namorieren (namorar), etc.

Um processo diferente que demonstra a vitalidade da língua alemã, mas também a crescente familiaridade com o nôvo ambiente, é a criação de novas palavras alemãs que, muitas vêzes, revela grande fantasia criadora:

Wasserschwein (capivara), Stinktief (gambá), Aasvogel (urubu), Sandhase (preá), Sandfloh (bicho-do-pé), Wasserhuhn (saracura), Schlepper, Blattschneider, Saubermacher, Kampochs (tipos de formiga), Erdlaus (cupim), Käsbaum (umbu), Negerohrenbaum (timbaúva), Teebaum (erveira), Elefantengrass (capim elefante), Mulenzuckerrohr (cana ripa), Musterreiter (caixeiro viajante), Puschsichel (foice), etc.

Todos êstes três processos acima descritos demonstram a necessidade e a vontade de vencer lingüisticamente a nova situação representando uma verdadeira aculturação.

O que, naturalmente, chama mais a atenção, são as palavras do primeiro e do segundo grupo que dão ao falar do colono alemão o aspecto pitoresco de uma mistura de línguas e têm motivado uma série de trabalhos a respeito. O mais recente é o de Erich Fausel, *Die Deutschbrasilianische Sprachmischung* (1), até agora o trabalho mais completo e mais rico, pois Fausel apresenta na segunda parte de seu livro um glossário de nada menos de 3627 palavras, cifra quase inacreditável, não distinguindo infelizmente critérios diatópicos nem diatrásticos.

VI.

Se, como já foi dito acima, a chamada “mistura de línguas” tem sido estudada muitas vêzes, os fatos pròpriamente lingüísticos, isto é, como se processou esta incorporação de palavras português-

(1). — Fausel (Erich), *Die deutschbrasilianische Sprachmischung*. Erich Schmidt Verlag, Berlin, 1959. Ali também a bibliografia.

sas ao léxico alemão, não foram tratados com a mesma atenção, e, muitas vezes, superficial e mesmo erradamente

Pois ninguém partiu do conceito de língua como estrutura e de que o comportamento lingüístico é condicionado pela estrutura da respectiva língua. E são em realidade problemas de estrutura e não outros, como Fausel os interpreta quando escreve

“Mais eficiente é a total elisão da final românica. Com ela, muitas palavras tornam-se mais compactas, mais duras e mais fortes, ... As palavras soam mais grosseiras, menos empoladas, mais adaptadas à realidade dura do mundo do colono e sem aquela delicadeza fluente e o ritmo cantante do bom português ... É um capítulo da distinção entre a maneira de ser alemã e a românica, que se desenrola aqui na luta das consoantes e das vogais ...” (*opus cit.*, pg. 56/57) (2), ou: “Com isso ficou provado quanto ao senso lingüístico alemão, inconciente para os colonos, também no processo da mistura de línguas procurou, ainda, proteger o colono e conservá-lo dentro de sua tradição cultural”. (Fausel, *op. cit.* pg. 58) (3).

Naturalmente não ficou provado nada. Trata-se de nada mais do que de problemas de estrutura. O colono, ao incorporar estas palavras ao seu léxico, não tinha a possibilidade de opção. Estava sob o domínio implacável da estrutura da língua alemã.

Isto se refere p. ex. às vogais finais, onde o alemão, não possuindo na sua estrutura finais em *-o* e *-a*, enfraqueceu estas vogais para *-e* átono:

trilho = Trilje, barranco = Barranke, caxumba = Kaschumbe, relho = Relje, sogá = Sêge.

O mesmo vale para a apócope das vogais finais, principalmente em palavras portuguesas em *-nto*, *-nta*; *-que*, *-co*, *-ca*; *-te*, *-to*, *-ta*; *-che*, *-cho*, *-cha*; *-ço*, *-ça*, onde a estrutura do alemão apresenta finais em consoante:

destacamento = Destakament; alojamento = Aloschament; alambique = Lambick; caduco = kaduck; aripuca = Aripuck; cabrito = Kabritt; chupeta = Schupett; bolisch = Bolisch; bicho = Bisch; bolacha = Bolasch; bagaço = Bagass; picasso = Bígass.

(2). — Viel wirksamer ist das völlige Abstossen des romanischen Wortschlusses. Dadurch werden viele Wörter straffer, härter und wuchtiger. Die Wörter klingen derber, nüchterner, mthr der rauhen Wirklichkeit der kolonistischen Welt angepasst und ganz ohnt die fließende Zartheit und den singenden Rythmus des guten Portugiesisch.

(3). — Damit dürfte bewiesen sein, wie sehr der den Kolonisten unbewusste deutsche Sprachsinne auch bei der Sprachmischung den Kolonisten noch zu schützen und in seiner Kulturüberlieferung zu erhalten suchte.

São também problemas de estrutura os que se refletem em palavras como:

abóbora = Bower; acolchoado = Kolschoade; aguilhada = Gilyade; ajoujo = Sôsche; encerado = Serade; ou em:

espoleta = Schpolett; estaca = Schtacke; estância = Schtanz; Estrêla = Schtrehle; espinilho = Schpinilye, onde a estrutura da palavra em alemão condiciona a aférese. De nada valem aqui considerações de lingüística histórica.

É inútil querer dar explicações sobre mudanças fônicas partindo do português escrito. Será necessário partir do sistema fonológico do português falado no Rio Grande do Sul e confrontá-lo com os sistemas fonológicos dos dialetos alemães, para não cair em interpretações fantasiosas ou mesmo erradas.

Escreve Fausel (*op. cit.*, pg. 53) “Muitas vezes se encontra *b* em lugar de *p*.” É o caso dos *p* e *t* iniciais, oclusivos no sistema fonológico português, mas oclusivas aspiradas em alemão. É claro que o colono, ao ouvir um *p* ou *t* inicial oclusivo, o identifica com as respectivas oclusivas sonoras do alemão, por estas não serem aspiradas, i. é, com *b* e *p*:

picasso = Bígass; pitanga = Bidanga; periquito = Birikitt; tatu = Dáttu.

Em todo o processo fônico trata-se pois de interpretação dos fonemas do português falado no Rio Grande do Sul. Existem dois sistemas fonológicos distintos: o português e o alemão, ambos transmitidos, e não a dualidade sistema transmitido / sistema aprendido que se dá nos indivíduos bilíngues. Isto significa que o valor fonológico de cada som é distinto, tanto no português como no alemão.

Sabe-se que ao aprendermos palavras de uma língua estrangeira, transferimos para esta os hábitos lingüísticos da língua materna. Comparando a estrutura do português com a do alemão, acharemos que uma boa parte dos fatos lingüísticos são semelhantes no nível fonológico. Aqui não há problemas. Mas o que acontece quando se trata de fonemas estranhos ao alemão? Como veremos, o colono, não tendo o hábito de produzir êste som típico, produz aquêle que no sistema fonológico alemão, ao qual está habituado, se aproxima mais do som português que ouve.

É o caso dos fonemas palatais do português. Não existindo em alemão a fricativa palatal sonora *j*, ela é identificada com a respectiva surda *ch*, que existe em alemão e é grafada *sch*:

jacá = Schaká; jacaré = Schakarä; jogar = schôge;
angico = Schick; Lageado = Laschade; feijoada = Feschoade.

A nasal palatal *nh* do português é representada pela nasal + semivogal: *ny*:

aranha = Aranye; linha = Linye; negrinho = Neginye.

O 1 palatal, *lh* do português é reproduzido pela lateral + semivogal: *ly*:

atalho = Atalye; relho = Relye; espinilho = Schpiniiye; trilho = Trilye; milho = Miiye.

Faltam ao sistema fonológico do alemão as nasais finais. Estas ou sofrem desnasalização:

aipim = Aipi; capim = Kapi;

ou são reproduzidas por vogal + n velar *ng* que existe no sistema fonológico alemão:

armazém = Armasseng; bom = bong; Bom Jardim = Bong Scharding.

O mesmo vale para o ditongo nasal *-ão* do português:

alemão = Alemong; alazão = Lasong; alçapão = Allsapong; algodão = Algodong; feijão = Feschong; João = Schwong.

Quanto aos ditongos portuguêsês *ai* + fricativa palatal, *ei* e *ou* em qualquer posição, já no português falado no Rio Grande do Sul foram reduzidos a monotongos: *a*, *ê*, *ô*, e são como tais reproduzidos no sistema fonológicos do alemão:

caixa = Kascha; caixeiro = Kaschêr; cachoeira = Kaschwêre; cargueiro = Kargêre; carreira = Karrêre; coqueiro = Kokêre; acabou-se = kabôss; açougue = Assôge; ceroula = Serôle; chouriço = Schôriss;

Os exemplos citados bastam para nos dar uma idéia de como se processou a incorporação dos vocábulos portuguêsês ao alemão. Espero que tenha ficado bem claro que o colono teve como ponto de partida o português falado. Desta maneira, as formas das palavras alemãs adaptadas do português podem nos dar valiosas informações sobre a pronúncia do mesmo no Rio Grande do Sul. Mas também evidenciou-se, neste processo, o papel dominante da estrutura da língua alemã, responsável pelas modificações sofridas por parte das palavras portuguêsês nesta passagem.

VII.

O processo de mistura de línguas, traçado nestas linhas de forma bastante sumária, não está no fim, mas em pleno andamento. Mas as condições mudaram. Verdade é que a língua alemã, em suas formas dialetais, ainda é falada por parte dos colonos de origem

alemã, fazendo, porém, palavras portuguesas parte integrante desta língua. Daí o seu aspecto pitoresco. Contudo desapareceu o antigo isolamento. Aumentaram os contatos com a população luso-brasileira. Estradas, escolas, jornais, rádio e televisão exercem sua influência poderosíssima no sentido do conhecimento do português e assistimos a uma cada vez maior participação na vida cultural e política da nação pelos descendentes dos antigos colonos. Estamos na fase do bilingüismo, já preparado, como vimos, pela entrada de grande número de palavras portuguesas no léxico do colono. A língua alemã está em franco regresso. É o processo de “línguas em contato” que estamos assistindo.

Não nos cabe fazer prognósticos. Porém não quero deixar de chamar a atenção dêste ilustre auditório para as tarefas que estão esperando a sua colaboração.

Não sabemos o que trará o dia de amanhã. Mas temos o dever, como cientistas de deixar para os pósteros informações a respeito do processo acima descrito, caso não quisermos ser acusados de incúria.

E neste sentido está tudo por fazer. Faltam as pesquisas de base, trabalhos sobre história, etnografia, língua, usos e costumes, folclore, etc., desta parte da população riograndense, descendente dos antigos imigrantes.

São estudos que devem ser feitos hoje, pois amanhã será tarde, visto que o progresso vertiginoso a que estamos assistindo em todos os terrenos, causará um nivelamento que não mais permitirá as nossas investigações.

Repito, estamos vivendo um momento histórico singular!

*

* *

INTERVENÇÃO.

Da Profa. *Victória Namestnikov El Murr* (FFCL. da Universidade de São Paulo.)

Pergunta:

1.º). Se a diferença entre o alemão falado nas antigas colônias e o da Alemanha é flagrante?

2.º). Se há variações lingüísticas nas diversas zonas de colonização e se seria possível conhecer a origem dos imigrantes — pela língua, ou melhor, pela modalidade da língua que falam?

3.º). Se não seria possível ver a evolução lingüística de acordo com os diversos elementos que atuam em locais diferentes?

*

* *

RESPOSTA DO PROF. HEINRICH BUNSE.

O autor em seguida respondeu:

- 1.º). — Na colônia fala-se, normalmente, o dialeto. Neste sentido há para a língua alemã padrão a mesma diferença como a existente na própria Alemanha entre os dialetos e a língua padrão.
- 2º.). — Sim; e um levantamento lingüístico entre os dialetos falados no Rio Grande do Sul, — ao qual estou procedendo — há de permitir interessantes conclusões.
- 3º.). — Esta pergunta deveria ser respondida positivamente, caso se referisse a um maior ou menor grau de mistura do alemão com elementos léxicos portugueses. Mas isso não é evolução lingüística; poderia condicionar uma evolução, todavia ainda não demonstrável